







COMPANHIA DAS LETRAS

O DESLUMBRE DE
CECILIA FLUSS
JOÃO TORDO





Pequena é a parte da vida que vivemos

SÉNECA

* * *

Aquele que não sabe

E sabe que não sabe

É uma criança.

— ensinem-lhe.

PROVÉRBIO PERSA

*Para o Matias,
a Luísa,
a Mercês,
o Manuel
e a Rosa*

Os factos são estes.

Um dia, a minha irmã perdeu a virgindade, o mundo abriu-se como uma flor recente e todos ficámos expostos, o cálice, vermelho e sangrento, à mercê de uma sombra criminosa.

Foi há tanto tempo que tudo o que diz respeito a esses dias me parece uma alucinação. Nomes, lugares, rostos; são nebulosas. A memória trai-me e pergunto-me que segurança posso eu ter no passado, uma vez que ele sobrevive apenas na minha cabeça doente como um diário de páginas rasgadas feito de medula, de tálamo, de hipocampo. Não me recordo se cheguei a escrever um diário; são demasiadas as coisas que me fogem. Talvez o tenha deixado na casa da infância, certamente que não o levei comigo para a vida adulta. É mais provável, porém, que nunca o tenha escrito; que entre o desejo e a acção se tenha aberto um fosso demasiado grande, intransponível, como aquele que Cecília descobriu entre o amor e o resto das coisas.

Ainda penso nela assim, como uma coisa selvagem. Era mais velha e foi a primeira de nós dois a ter relações sexuais. Mas o sexo, de alguma maneira, tinha chegado antes. Uma vez, na aula de Matemática, quando eu tinha treze anos, vi dois colegas a fazerem-no. Castro era mais velho do que todos os outros, um repetente, e andava a sair com a rapariga que tinha as maiores mamas da nossa turma. A professora, uma senhora velhinha de óculos redondos pendurados ao pescoço por um fio dourado, passava a maior parte da aula voltada de costas para a turma, a escrever equações no quadro. Era um dia de sombra, de humidade crescente, chovera, do outro lado da janela havia um jardim, as folhas pingavam, e eu estava distraído a escrever no meu caderno quando reparei nos risinhos, nos sussurros dissimulados, nas cabeças voltadas para trás. Olhei também. A rapariga, de saia, sentava-se ao colo de Castro e tinha as cuecas num dos tornozelos. Havia, no seu rosto, uma expressão que eu nunca vira antes numa rapariga: a boca aberta como se aguardasse sustento, os olhos vazios, inertes, dois insectos espalmados numa mesa; subia e descia devagarinho. E Castro, que sorria, também suave; era mestiço e a pele reluzia-lhe como as folhas, a turma parecia aprovar aqueles movimentos lentos, uma espécie de jogo. À noite, deitado na cama, segurando o meu pénis erecto na mão direita, recordei aqueles movimentos e repeti-os no meu sexo, uma, duas vezes, quase três, e já estava, já sentira aquilo, o prazer — uma espécie de erupção, de vertigem, e depois, *pluf*, tudo implodia novamente, embora restasse do prazer uma certa sensação leitosa, um suave rescaldo que me fazia adormecer logo. Nesse ano, descobri o prazer da masturbação; no ano seguinte, a minha irmã começou a fornicar, e o meu tio, que já era louco, enlouqueceu um bocadinho mais, graças a nós.

O paradoxo da memória. Essa entidade esquiva, que nos apresenta as emoções como se fossem factos, e os factos como acontecimentos no tempo, independentes da nossa percepção. Mas essas emoções e esses factos, que fazem parte de um complexo sistema, são interdependentes e, portanto, geradores de enormes equívocos e um manancial de juízos erróneos. Os anos não ajudam. A maturidade associada à experiência faz-me duvidar cada vez mais da fiabilidade das nossas vivências; tanta gente admite, afinal, após décadas de negação, que as coisas podem não ter acontecido exactamente como as recordamos. Há certamente um lugar no nosso cérebro onde esta ilusão se fixou, como uma erva daninha. O meu caso, creio, é mais difícil que o da maioria, porque eu consigo lidar com as emoções; o que eu não aguento são os factos.

Uma das recordações mais presentes que tenho da infância é a dos primeiros dias de aulas. Vivíamos numa pequena cidade de província onde toda a gente se conhecia, os miúdos da escola moravam próximos uns dos outros, muitas vezes no mesmo subúrbio ou na mesma rua, porta com porta. Eu era sempre o mais novo da turma. Chamavam o meu nome completo e havia sempre um ou outro aluno que se ria, porque *Fluss* não é um nome habitual e, dito muito depressa, tem o som de uma descarga. Pode significar *rio* mas também *jorro de água*. A alguns colegas, o meu nome dava vontade de rir. De cada vez que isso acontecia, eu sentia-me usurpado da minha identidade, sobretudo quando esse escárnio provinha de um líder. Há sempre líderes nas escolas, poucos e raros, um por ano lectivo, no máximo dois, é impossível existirem três

sem haver uma rixa ou uma disputa sangrenta pelo poder. Naquela altura, o líder chamava-se Lucas. Era um miúdo de quinze anos que se vangloriava de masturbação compulsiva e de ter recebido sexo oral de uma colega do décimo primeiro. Todas as suas vitórias eram sexuais; o seu orgulho era a dimensão do seu membro, que apregoava desproporcionado para a idade. Foi Lucas quem começou a rir quando, na primeira aula de História desse ano, o professor me chamou: *Matias Fluss*. Os outros imitaram-no, a turma riu-se, desapiedada, sem saber de quê. Depois o riso diminuiu até desaparecer completamente. Sentado atrás de mim, Lucas deu-me uma palmada na nuca; voltei-me e encolhi os ombros, como se lhe perguntasse: *O que foi?*, mas ele limitou-se a exibir o seu sorriso de campeão. O incidente terminou, ficou esquecido, embora não sem consequências, porque muitos dos meus colegas passaram a tratar-me por *Fluss*. Começámos a conversar no ginásio. Fluss, chamou ele. Aproximou-se em tronco nu, de calções azuis com uma risca amarela (era parte do equipamento oficial da escola), as pernas musculadas e o primeiro indício de uma futura barriga na ligeira dobra de gordura abaixo do umbigo. Cheirava a suor e a desodorizante barato. Eu cheirava apenas a suor, porque a minha mãe não me comprava desodorizante; era o normal, nessa altura, os rapazes cheiravam a suor e as raparigas cheiravam a perfume de citrinos. Lucas era mais baixo que eu, embora eu fosse magrinho e ele corpulento, e reparei que tinha duas borbulhas no rosto, uma abaixo do lábio inferior e outra no lado direito da testa. A segunda borbulha era larga, sebosa e brilhante. Perguntou-me se eu andava de bicicleta, respondi que sim. Nunca te vi de bicicleta, disse ele. Mas ando, garanti. Era verdade. Havia uma velha bicicleta na nossa casa

e, aos fins-de-semana, eu montava-me nela e circulava pelo bairro a perseguir os cães vadios. Queres andar?, desafiou ele. É uma corrida?, perguntei, ingénuo. Lucas começou a rir, tinha as gengivas descarnadas, como se lhe faltassem nutrientes. Qual corrida? Não há corrida nenhuma, explicou. Vamos ao bosque, até ao lago, e depois regressamos. Está bem, concordei. Lucas quis dar-me uma palmada na nuca, mas eu desviei-me ou baixei-me, o gesto acabou por não surtir efeito, ficou a meio caminho, e acabei por levar um murro no peito.

Há muitos anos ouvi alguém dizer que a memória, que serve para muitas coisas, tem como função mais importante impedir que o tempo nos engane. Sim: a decadência das faculdades cognitivas, a relatividade do sujeito na existência e mais não sei o quê. Como se existisse uma fórmula qualquer parecida com isto: Memória + Tempo – Decadência = Verdade. Não me lembro quem fez esta afirmação, o que é um excelente atestado dessa perda contínua. O envelhecimento e a doença vieram confirmar que, na verdade, existe um processo, à revelia da nossa vontade, que transforma aquilo que já aconteceu numa experiência completamente diferente, vivida no presente, em que a soma total do que vivemos equivale a pouco menos do que um momento de percepção, o lastro do passado em nós. Esse lastro, enganoso e traiçoeiro, serve para demonstrar que é a memória que se baralha, que se confunde, que toma a parte pelo todo; e o tempo, que continua a passar, tem como função deveras importante consolar-nos nessa erosão permanente do passado.

No princípio do ano em que tudo mudou, na aula de História, o professor falou-nos de Sidarta, e eu decidi que, um dia, seria um bom budista. Contou-nos que havia um romance, escrito por Herman Hesse, sobre a vida desse Sidarta, mas que pouco tinha a ver com o Buda.

O Buda existiu?, perguntou alguém.

Da mesma maneira que a própria História existe, respondeu o professor Xavier, que, nessa ocasião (ou assim o recordo, mas pode ter sido noutra dia), tinha o cabelo solto, caindo-lhe sobre o rosto e os ombros, usava uma camisa de manga curta, sempre bege ou branca, as alpercatas surgindo debaixo das calças largas. Era um homem tímido, e eu confundia a sua timidez com alheamento.

Era o final da tarde e a luz que atravessava as janelas deixava-nos dourados.

Não percebi, insistiu o aluno.

O que é a História?, perguntou o professor. E respondeu: A História é a necessidade da certeza dentro de uma enorme dúvida. Nos livros vem escrito que Mozart morreu em Viena aos trinta e cinco anos e, durante dois séculos, tem-se discutido a causa da sua morte. Uns dizem que foi uma infecção na garganta, outros que foi um edema. Aparecerão mais historiadores com novos dados anunciando a *verdade*, e então diremos Sim senhor, agora sabe-se, finalmente, embora permaneçamos desconfiados. Nunca saberemos ao certo. O passado não tem provas, porque o passado não é tangível. São coisas escritas nos livros ou gravadas nas nossas memórias, e os livros, e tudo o que está registado, é produto das nossas mentes, que não sabem como abarcar a incerteza. A História não existe porque temos a certeza, existe porque não a temos.

Por um instante, ele pareceu ficar triste e olhou na direção da janela, onde um pássaro negro, irrequieto, bicava o beiral.

Então não podemos saber se o Buda existiu, interveio Erland, que era um dos melhores alunos da turma.

Talvez não importe tanto perguntar se sabemos, disse o professor, mas se nos interessa saber. Acrescenta algo a uma história, o pormenor fastidioso da sua veracidade? Toda a vida li histórias, grande parte delas imaginadas, e senti na mesma a pujança da verdade, isto é: verdade e veracidade não são equivalentes.

Mas, se não sabemos se o Buda existiu, como podemos nós confiar na sua doutrina?

As perguntas de Erland nas aulas eram sistemáticas. Ele não se limitava a ter as melhores notas, fazia questão de falar com os professores de igual para igual, de os confrontar.

Cala-te, paineleiro, rosnou Lucas.

Paineleiro é o teu irmão, ouvi Erland dizer entredentes, muito baixinho.

Digamos que a pergunta pela existência do Buda é a pergunta pelos seus ensinamentos, disse o professor Xavier. Conta-se que Sagamoni Borcan, como lhe chamou Marco Polo na sua descrição de Ceilão, ou o Godama, mencionado por Vincentius Sangermano, um católico em missão na Birmânia, ou Shakyamuni ou Tathagata ou Gautama ou Samyaksambuddha — que esta criatura com tantos nomes, aos oitenta anos, pouco antes de morrer, recebeu a visita de um jovem chamado Subhadda, que veio perguntar-lhe se os outros mestres, em Mágada e Kosala, estavam iluminados. O Buda respondeu-lhe que não era importante se eles tinham, ou não, conseguido a iluminação. A pergunta era se ele, o jovem Subhadda, gostaria de ser livre.

Estão a ver a diferença? Erland? A pergunta pela existência do Buda, e a incerteza da resposta, é um obstáculo à nossa própria libertação, impede-nos de ver o caminho.

O que é isso de ser iluminado?, perguntou alguém.

Ser iluminado é igual a ser livre?, perguntei eu.

O professor sorriu e levantou-se. Foi até ao quadro, pegou num pedaço de giz e escreveu:

liberdade

Para responder a esta pergunta, disse ele, falta saber se é preciso sermos livres. Matias?

Sim?

O que é isto de ser livre?

É não estar na cadeia, respondi.

Alguns colegas riram. Aqui e ali, dispersas, uma ou outra gargalhada. Lucas, que estava sentado atrás de mim, deu-me uma palmada na nuca.

Há pessoas nas cadeias do mundo inteiro que são mais livres que as pessoas que andam cá fora, disse o professor.

Eh, isso é mentira, exclamou Lucas, que começara a tentar pisar-me os calcanhares enquanto eu desviava os pés dos seus enormes ténis.

Então diz-nos, Lucas, pediu o professor, o que é que entendes por liberdade?

Apontou para o quadro. Com a outra mão, atirou o giz ao ar, deixando-o aterrar suavemente na palma. Lucas parou de me dar pontapés. De repente, senti-lhe a tensão; toda a turma a sentiu, porque a tarde amainou, o cicio ganhou presença, tornou-se audível, ouviu-se a aragem atravessar o jardim.

Não percebi a pergunta, defendeu-se Lucas.

Dá-me um exemplo de liberdade.

Quando ando na mota do meu irmão, por exemplo.

Não tens idade para andar de mota.

Pois não, Lucas riu-se.

Toda a turma se riu, mas brevemente. O riso morreu, tornou o silêncio, a tarde mergulhava em suspeita quietude, como uma maré escondida debaixo da superfície das águas.

E sentes-te livre?

Sinto.

Desde que a polícia não te apanhe.

A polícia não me chateia.

Mas, se chatear, estás em sarilhos, insistiu o professor.

Lucas encolheu os ombros.

Ou se os teus pais souberem.

Os meus pais não percebem nada.

Acontece o mesmo a um prisioneiro, não é? É livre de fugir, desde que os guardas não o apanhem, desde que a polícia não o persiga. Que tipo de liberdade é esta?

Liberdade condicional, disse Erland.

Precisamente, concordou o professor. Uma estranha liberdade em que estamos aprisionados a condições. Caso elas sucedam, então serei livre. O Buda não nasceu Buda, mas nasceu com o potencial de vir a ser Buda. Nasceu escravo de condições, do apego, como o homem que está na cadeia ou o Lucas na mota do seu irmão. Nasceu príncipe, filho do rei Sudodana, e viveu rodeado de luxo e opulência, e, um dia, quando finalmente saiu do palácio e observou o sofrimento do mundo (a doença, a velhice, a morte), resolveu abandonar o reino e tornar-se asceta.

O que é um asceta?, perguntei.

É alguém que procura a vida espiritual através da mortificação dos sentidos.

O que é a mortificação?

Penitência. Ou castigo, explicou o professor.

No palácio havia mulheres?, perguntou Lucas.

Muitas.

E dinheiro?

Sim. Ouro e todos os prazeres do mundo.

O Buda era um cretino, concluiu Lucas.

Alguns riram, mas grande parte dos meus colegas ficaram calados naquela tarde invulgarmente quente. Recordo-os derramados sobre as mesas, um ou outro de cabeça pousada na palma da mão, as pálpebras pesadas da sonolência, a janela entreaberta, a sensação da brisa no pescoço.

Não era um cretino, corrigiu o professor. O Buda, que, nesse tempo, era apenas Sidarta, reconheceu, na sua humanidade, uma prisão, o perseguir das coisas que nos mantêm cativos.

Que coisas?, perguntei eu.

As coisas deste mundo, sejam materiais ou imateriais. A riqueza. A vaidade. O prestígio. A luxúria.

O que significa *luxúria*?, perguntou alguém.

O deleite nos prazeres sensuais.

Sexo, comentou Lucas, baixinho. Deu-me um pontapé e, aproximando-se, murmurou: Eu sabia que o Buda era um grande paneleiro.

O Buda era contra o sexo?, perguntou o mesmo colega.

O Buda não era *contra* coisa nenhuma, disse o professor. Por outro lado, também não era *a favor* disto ou daquilo.

Reparem na prisão implícita nessas palavras, ser a favor ou ser contra. Quando entendo a vida dessa maneira, é porque estou apegado a uma ideia qualquer que faz de mim escravo outra vez.

Um homem sem ideias é um tonto, disse Erland.

Um homem sem ideias pode ser um tonto, concordou o professor, mas um tonto não é necessariamente um homem infeliz. Pelo contrário. Talvez aquele que tem as maiores ideias e que as defende com grande empenho seja aquele que mais sofre, porque está mais apegado, mais escravo. No sutra da Serpente, o Buda apresenta uma das suas parábolas mais importantes, a parábola da jangada. A jangada não é a margem, diz ele. Por vezes, se o rio transborda, precisamos de construir uma jangada para o atravessar e dedicamo-nos a essa tarefa com esmero. Construimo-la com troncos e folhas, sabemos que é a maneira mais segura de chegar ao outro lado. E depois, quando alcançamos essa margem e já podemos caminhar, queremos carregar a jangada às costas. Mas não é verdade que isso só nos atrapalha? Que é mais inteligente deixar a jangada na margem para que outra pessoa a possa usar da mesma forma que nós a usámos?

Mas, se a jangada é nossa, devemos levá-la, contestou Erland. Podemos precisar dela mais tarde, noutra rio.

E o que fazemos, vamos acumulando? Imagina que tens essa atitude com todas as coisas, disse o professor. Imagina a quantidade de tralha que terás às costas e da qual serás incapaz de te libertar se não te libertares da primeira. Seria igual a um homem que, por uma questão de segurança, andasse de um lado para o outro com a porta da sua casa. *Ninguém pode entrar em minha casa sem ser pela porta. Ora, portanto, levo a porta comigo.*

Comecei a rir, mas fui o único.